

# CIENTISTAS SOCIAIS EXTRA-UNIVERSITÁRIOS: IDENTIDADE PROFISSIONAL NO MERCADO DA PESQUISA

*Eugênio Carlos Ferreira BRAGA\**

**RESUMO:** O artigo apresenta parte de uma pesquisa empírica sobre o mercado de pesquisa de opinião no Brasil e destaca alguns elementos sobre esses atores sociais pouco estudados, porém significativos, tanto na inserção profissional para cientistas sociais, quanto em relação ao sistema político e à democracia. A princípio realizou-se um *survey* com os institutos de pesquisa, com o objetivo de delinear algumas de suas características gerais, focalizando, porém, na estrutura profissional destas empresas. Este *survey* foi o primeiro passo para uma etapa posterior de entrevistas em profundidade com cientistas sociais que trabalham nessa atividade, em uma investigação sobre identidade profissional e sociologia extra-universitária.

**PALAVRAS-CHAVE:** Institutos de pesquisa. Sociologia extra-universitária. Identidade profissional.

## Introdução

Em sua prática diária, as ciências sociais mobilizam profissionais que atuam em ambientes não apenas acadêmicos. Em razão de um conjunto de fatores – baixa demanda por docentes na academia, aumento da oferta de cientistas sociais no mercado de trabalho com a expansão universitária e do fomento à pós-graduação, inúmeras estratégias de inserção e novas possibilidades de atuação – a inserção profissional dos cientistas sociais atravessa os limites das universidades<sup>1</sup>. E, assim, estabelece-se e desenvolve uma clara separação entre as atividades realizadas por cientistas sociais dentro e fora das universidades, estas últimas designadas, não

---

\* Doutorando em Ciências Sociais. UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas – São Paulo – Brasil. 13081-970 – ecfbraga@gmail.com

<sup>1</sup> De acordo com os dados apresentados por Maria da Glória Bonelli, em 1987, apenas 4,5% dos cientistas sociais aptos ao mercado de trabalho eram docentes (BONELLI, 1993).

sem controvérsia, para o caso específico que ressaltarei aqui, por ciência social aplicada ou prática<sup>2</sup>, incorporando um leque diversificado de atividades, desde avaliação de políticas públicas e educacionais, assessoramento de organizações não-governamentais, consultoria, marketing político, pesquisas de mercado, pesquisas por contrato, sociologia clínica, pesquisas nas áreas de saúde, instituições especializadas em opinião pública, entre outras, algumas ainda em seus primeiros passos no Brasil, outras mais institucionalizadas.

Também são variadas as questões que a ciência social aplicada traz consigo. Para o caso norte-americano, a literatura aborda falta de preparação dos estudantes em qualquer nível para atividades aplicadas, perda da identidade do sociólogo, dificuldade no acompanhamento da disciplina acadêmica e seus desenvolvimentos, superestimação do conhecimento sociológico como solução imediata para complexos problemas sociais, relacionamento problemático com clientes e patrocinadores, o foco na busca do lucro em detrimento da qualidade da investigação, falta de rigor metodológico e “suavização” dos problemas da pesquisa em uma “legitimidade reconstrutiva” nos relatórios finais (GELFAND, 1975; STREET; WEINSTEIN, 1975; TUCHFELD, 1976; MAINES; PALENSKI, 1986). Mas também está presente uma percepção de que a participação da ciência social aplicada tende a crescer ainda mais e que antes de clamar pureza científica, deve-se buscar outros parâmetros de relacionamento com a ciência social acadêmica.

Quem estuda o relacionamento entre a ciência social aplicada e a acadêmica se depara com inúmeras temáticas. Nos limites desse texto, ressaltarei a questão profissional, que diz respeito à formação do cientista social, mercado de trabalho, identidade profissional, bases cognitivas, ética, etc.

Decisivo para a colocação profissional em atividades não-acadêmicas é o domínio da utilização de técnicas de pesquisa, um dos principais atrativos dos cientistas sociais para o mercado de trabalho. No Brasil, uma das atividades aplicadas mais destacadas é a “mensuração” quantitativa da opinião pública por institutos especializados, que já possui mais de 60 anos de prática desde a fundação do IBOPE. De lá pra cá, a pesquisa de opinião conquistou cada vez mais espaço nos meios de comunicação e na vida social. De artifício comercial transformou-se em ator político, e hoje em dia está presente no dia-a-dia, principalmente nos meios de comunicação.

Mesmo sendo foco e produtora de controvérsias, existe na literatura sociológica uma lacuna em relação ao estudo do mercado de pesquisa não-acadêmico. O que

---

<sup>2</sup> O foco da literatura é na sociologia, mas a formação na graduação no Brasil é majoritariamente em ciências sociais. Apesar dessa diferença, a análise não fica deslocada se considerarmos as três disciplinas em conjunto, olhando principalmente a sociologia e a ciência política, e com foco particular sobre a sociologia, onde essas questões surgiram com maior intensidade.

percebi ao visitar o campo de estudos da opinião pública foi que muito se escreve sobre opinião pública, mas pouco sobre os produtores da “opinião pública” ou sobre a prática da pesquisa social aplicada. Alguns elementos de caracterização dessas empresas fazem parte da primeira parte deste texto, com base em um *survey* que desenvolvi com os institutos como objeto. O interesse especial desse *survey* estava em obter uma descrição mais aprofundada da participação dos cientistas sociais na estrutura profissional nessa atividade, além de fornecer elementos sobre os processos de trabalho e metodologias utilizadas<sup>3</sup>.

No entanto, mais do que realizar um estudo meramente descritivo dos institutos privados de pesquisa, o *survey* era o primeiro passo para entrevistas em profundidade com cientistas sociais nessa atividade, visando uma investigação sobre a relação intra-profissional de cientistas sociais nos ambientes internos e tangenciais à universidade, partindo de algumas idéias levantadas em uma revisão bibliográfica. Assim, na segunda parte, por meio da literatura, exploro a relação entre o mercado da pesquisa e as ciências sociais, que remete e exemplifica a distinção maior entre ciência social ou sociologia acadêmica e aplicada. Algumas características centrais, estruturais por serem nodais para a análise, são elencadas e discutidas, e dão sustentação à apresentação das entrevistas que realizei com cientistas sociais em atividade nesse setor, na terceira parte, mostrando elementos de um conflito de identidades e de diferenciais de status na hierarquia profissional. E, finalmente, algumas conclusões são apontadas.

## Os institutos de pesquisa de opinião e mercado

Em vista da falta de dados recentes (a última pesquisa realizada pela SBPM – Sociedade Brasileira de Pesquisa de Mercado – com seus membros data de 1989), a primeira etapa consistiu em uma busca de informações sobre esse universo profissional no Brasil que pudessem, além de fornecer um quadro geral, ajudar a dimensionar a participação dos cientistas sociais. Partiu-se então para uma pesquisa empírica em duas etapas (*survey* e entrevistas), iniciada com os cadastros das associações representativas das empresas, ANEP – Associação Nacional de Empresas de Pesquisa e ABIPEME – Associação Brasileira dos Institutos de Pesquisa de Mercado<sup>4</sup>. Meu universo de empresas, obtido quase em sua totalidade nos *sites* das associações (salvo

---

<sup>3</sup> Aqui apresentarei apenas parte dos dados coletados com as empresas. Para o conjunto da pesquisa consulte minha dissertação de mestrado *Ciências Sociais e o Mercado da Pesquisa: Questões de Sociologia dos Cientistas Sociais*, defendida no Departamento de Sociologia da Unicamp em novembro de 2004 (BRAGA, 2004).

<sup>4</sup> Reunidas a partir de 2004 na ABEP – Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa.

duas empresas de Campinas sem associação)<sup>5</sup>, foi de 170 empresas. Dessas obtive resposta de 49, ou seja, uma taxa de resposta de 28,8%<sup>6</sup>.

A literatura especializada em *surveys* auto-administrados pelo correio é extremamente variada no que concerne a taxas de resposta estatisticamente aceitáveis. Babbie cita referências que colocam 50% como uma taxa de resposta adequada e 70% como muito boa, mas deixa claro que “[...] são regras rudimentares, sem base estatística e uma falta de viés de resposta demonstrada é muito mais importante do que uma alta taxa de resposta.” (BABBIE, 1999, p.253). Por causa disso, a literatura especializada desde a década de 70 deixou de se preocupar com taxas aceitáveis de resposta ou retorno e passou a enfatizar técnicas de elevação dessa taxa e a redução das diversas fontes de erros<sup>7</sup>.

Para o propósito deste texto exporei, sumariamente, alguns indicadores do porte das empresas para em seguida focalizar sobre a distribuição das profissões atuantes nos institutos pesquisados.

A primeira característica que pretendo destacar é o fato de que a maior parte das empresas de pesquisa são instituições de pequeno porte, ou seja, grandes instituições (como o IBOPE) ou multinacionais do setor (como a Nielsen) representam apenas a superfície do mercado da pesquisa: a maioria das empresas em 2002 realizou até 50 pesquisas anuais para até 25 clientes. Além disso, a maioria dessas empresas são constituídas por até 10 funcionários, sendo que mais de 50% possuem apenas 5 funcionários de nível superior no quadro fixo. Essas indicações do “porte” das empresas nos levam a pensar na importância de formas de gestão flexível dos recursos humanos da pesquisa e, em última instância, em situações de trabalho e remuneração instáveis, como demonstra a prática disseminada das pesquisas *ad hoc*, formando equipes de acordo com a demanda.

Outra característica do mercado da pesquisa que destaco é o que chamo por “relativa” multiplicidade de serviços, pela presença maciça da pesquisa de mercado. Este é o principal motivo pelo qual preferi tratar do “mercado da pesquisa” do que da “opinião pública”. 19 empresas só fazem pesquisa de mercado. Para o grupo das empresas participantes, as respostas do questionário indicam que, entre os três tipos de pesquisa menos utilizados (política, social e de audiência), apenas pesquisa política, ultrapassa mais de 50% do volume de trabalho em algumas empresas, e isso em apenas três. E mesmo se retirarmos da análise as empresas que só realizam pesquisa de mercado, esta representa mais da metade do volume de trabalho em

---

<sup>5</sup> Principalmente pelo fato de que essas duas associações não congregam todas as empresas de pesquisa.

<sup>6</sup> Optei pela forma auto-administrada de survey, na qual o questionário é respondido sem a presença de entrevistador e enviado para o pesquisado pelo correio, neste caso por correio eletrônico.

<sup>7</sup> Algumas dessas técnicas foram levadas em consideração como: personalização no envio, interesse/saliência do assunto para a população investigada, apoios e parcerias, tamanho do questionário e lembretes para resposta.

62,0% das empresas. Ou seja, pesquisa política e a social, as mais afinadas com o que estamos acostumados a entender por “opinião pública”, são acessórias nas empresas. Por isso e por serem realizadas por empresas de porte limitado, não podem estar completamente dissociadas da pesquisa de mercado.

A estrutura das profissões superiores nas empresas pesquisadas está disposta na Tabela 1 a seguir. Há um total de 541 profissionais de nível superior, sendo que 48 ou 8,8% são cientistas políticos, sociólogos e cientistas sociais, agregados em uma categoria restrita de cientistas sociais.

Apesar de representarem uma parcela limitada entre o total de funcionários de nível superior, esses cientistas sociais estão em 59,2% (ou 29) das empresas pesquisadas, o que garante a posição de profissão com maior “abrangência” dentre os institutos pesquisados. Logo depois, em 26 empresas, estão os administradores/administradores de empresas. Na proporção entre o total de funcionários de nível superior, no entanto, essa formação representa 21,6% do total, ou seja, as empresas contratam um número significativamente maior de administradores do que de cientistas sociais, como é de se esperar. Pela participação em número de empresas, ou o que chamei de “abrangência”, os profissionais formados em administração são seguidos por formados em psicologia, depois propaganda/publicidade/marketing e economia

Já por números absolutos, ou participação no total de funcionários de nível superior, administradores são seguidos por profissionais de propaganda/publicidade/marketing, depois formados em comunicação/comunicação social/relações públicas/jornalismo, e logo após aparecem sociólogos, cientistas políticos e cientistas sociais. Sem uma empresa com valor destoante para funcionários de comunicação, os cientistas sociais também estariam entre as três formações em número absoluto.

Além dos dados anteriores, à ampla participação de cientistas sociais nas empresas pesquisadas pode-se somar a contratação temporária naquelas que não indicaram profissionais dessa formação em seu quadro fixo. Das 19 empresas que não possuem cientistas sociais, definidos pela tabela acima, e que realizam pesquisa quantitativa, 21,1% (ou 4) dispõem de cientistas sociais (graduados, mestres e doutores) de fora do quadro fixo de pessoal para esse tipo de pesquisa. O mesmo acontece com as empresas nessas condições, mas que realizam pesquisa qualitativa: 22,2% (ou 4 em 18) se utilizam temporariamente de cientistas sociais para atividades desse tipo de pesquisa.

Em suma: os cientistas sociais estão presentes no mercado da pesquisa de modo sistemático. No entanto, é minha hipótese que o distanciamento entre a sociologia acadêmica e a prática no mercado da pesquisa impede o reconhecimento profissional dos pesquisadores e limita o impacto da ampla presença de cientistas sociais nessa atividade. A seguir, discutiremos com base na literatura, essas relações entre a sociologia acadêmica e o mercado de pesquisa.

Tabela 1 – Formação acadêmica dos profissionais de nível superior das empresas participantes

Graduação em...	Em quantas empresas (N=49)?	Quantos dessa formação nas empresas participantes?	Média	N
Ciências Sociais / Sociologia / Ciência Política	59,2% (29)	48	1,71	28
Administração / Adm. de Empresas	53,1% (26)	117	4,88	24
Psicologia	44,9% (22)	37	1,76	21
Propaganda / Publicidade / Marketing	40,8% (20)	56	2,95	19
Economia	36,7% (18)	35	2,06	17
Comunicação Social / Rel. Públicas / Jornalismo	26,5% (13)	55	4,23	13
Estatística	24,5% (12)	41	3,73	11
Engenharia	22,4% (11)	24	2,18	11
Ciência da Computação / Análise de Sistemas / Processamento de Dados / Informática	18,4% (9)	30	3,33	9
Contabilidade / Ciências Contábeis / Auditoria / Gestão Financeira	16,3% (8)	18	2,57	7
Direito	12,2% (6)	12	2,00	6
Matemática	12,2% (6)	11	2,20	5
Pedagogia	8,2% (4)	9	2,25	4
Secretariado Executivo	8,2% (4)	6	1,50	4
Ciências Biológicas: Biologia, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Educação Física	8,2% (4)	6	1,50	4
Letras / Lingüística / Tradução	6,1% (3)	8	2,67	3
Arquitetura	4,1% (2)	3	1,50	2
Negócios Internacionais / Comércio Exterior	4,1% (2)	2	1,00	2
Outras Humanas**: História, Bibliotec., Serv. Social, Ed. Artística, Belas Artes, Filosofia, Hotelaria, Turismo, Geografia	10,2% (5)	12	2,40	5
Outras Exatas**: Tecn. Mecânica, Química, Física	6,1% (3)	5	1,67	3
Outras**: Outras, Agronomia	4,1% (2)	6	3,00	2

\* Sem valor destoante (25 ou mais profissionais em uma mesma empresa).

\*\* Mencionados por apenas uma empresa.

## Cientistas sociais e o mercado da pesquisa em disputa

As relações entre os sub-grupos profissionais dentro das ciências sociais ainda estão por se tornar um objeto de estudos sistemáticos no Brasil. Mesmo assim existem duas posições contrastantes na literatura acadêmica. Para o campo da Sociologia das Profissões, área na qual a tese de Bonelli é significativa, a relação entre os dois grupos, inserida em um plano de análise do sistema profissional, é de competição intraprofissional desempenhada no palco da profissão (BONELLI, 1993). No outro lado, de acordo com Durand, não há equilíbrio de legitimidade e de reconhecimento nos domínios de atuação dos sociólogos (DURAND, 1984); apenas o magistério superior dominaria a definição da profissão, ou seja, não existem outros grupos dividindo o “palco” da profissão, para usar os termos de Bonelli.

Na abordagem proposta por Bonelli, as ciências sociais devem ser entendidas dentro do quadro mais amplo do sistema de profissões, composto por todas as profissões de nível universitário, intelectuais ou não. É um sistema dotado de autonomia e dinamizado por lógica própria, não podendo apenas refletir questões econômicas nacionais ou, para nosso caso específico, ser originário de um mau funcionamento das ciências sociais, dois diagnósticos comuns de crise, os quais a autora procura se diferenciar.

Essa articulação analítica é almejada com a dupla importância às competições intraprofissional e interprofissional e às perspectivas macro e micro, que concederiam, dentro da lógica do sistema, “uma capacidade de interação, movimento e de mudança” que costumeiramente está deslocada nas abordagens sistêmicas. O principal marco teórico a autora encontra no modelo de sistema das profissões elaborado por Andrew Abbott, centrado nas relações internas e externas das profissões, porém com complementações significativas em relação à “historicidade gerada pelas interações sociais estabelecidas no processo local” e à centralidade dos processos de estratificação e diferenciação no interior de uma profissão.

A lógica das ciências sociais enquanto profissão no Brasil é então representada como uma relação entre palco e audiência ou platéia, como uma arena performática onde se processam os conflitos internos e externos – “é a interação dos profissionais que configura o sistema” – delineada por meio da particularidade histórica do desenvolvimento das ciências superiores no país. No “palco” da profissão estão:

[...] aqueles que se identificam desempenhando atividades da área. Na ‘audiência’ estão os formados que declararam fazer outros trabalhos. Embora eu tenha dado um corpo à tipologia, ela foi extraída da forma como os entrevistados se viam. A classificação reflete os sentimentos de pertencimento ou não às ciências sociais, manifestados pelos informantes. (BONELLI, 1993, p.111).

Do grupo de entrevistados, os que foram agrupados no palco da profissão o foram porque “[...] falam de si identificando-se, principalmente, como sociólogo ou com uma das especializações vinculadas às ciências sociais [...] antropólogo, cientista político e pesquisador.” (BONELLI, 1993, p.113).

O avanço de Bonelli é inegável no que concerne à análise das ciências sociais como grupo profissional, mas percebi, no transcorrer das entrevistas que realizei, que a relação entre a especialização de pesquisador e a identidade profissional de cientista social era mais problemática<sup>8</sup>. O grupo de pesquisadores que entrevistei apresentou uma identificação com as ciências sociais mais heterogênea do que supõe ser considerada como típica, por exemplo. Em outras palavras, existe uma diferença entre uma identidade construída pela formação na disciplina e uma estabelecida pela atividade profissional. Não obtive elementos que pudessem indicar que a primeira suplantasse a segunda no caso aqui estudado.

Como colocar então no “palco” das ciências sociais atividades profissionais tão diferentes em termos de práticas, modelos para a profissão, trajetórias em carreiras, conhecimentos utilizados, etc.? Há aqui, embutidas, particularidades do desenvolvimento das ciências sociais no Brasil, que se conjugam com o acontecido em outros países com a institucionalização universitária da disciplina.

O modelo universitário das ciências sociais possui forte referência na reprodução dos quadros docentes superiores, mesmo que não seja uma demanda real. Como nos mostra Bonelli, entre os associados da ASESP – Associação dos Sociólogos do Estado de São Paulo – em 1990 apenas 13,3% eram professores universitários, o que significa que a grande maioria do efetivo de diplomados não desenvolve sua profissão no meio universitário. Além disso, as relações entre ciências sociais foram marcadas por uma tendência crítica que superou o aprofundamento técnico, seja em função da resistência política à ditadura, seja em função dos poucos recursos para a pesquisa empírica. Como fator agravante, também como consequência do regime militar, ocorreu uma “ruptura dos antigos nexos dos intelectuais com a sociedade civil, pondo-os em situação de isolamento social e político” (VIANNA et al., 1998, p.454). Pela falta de “uma relação viva entre a Universidade e a Cidade”, não se trata de conhecimento demandado socialmente, de tal modo que “organize e sustente as motivações da sua prática” (VIANNA et al., 1998, p.455). A própria autora percebe esse estado de coisas de seu modo:

---

<sup>8</sup> Além do fato de que existe uma diferença significativa entre pesquisa no âmbito das instituições públicas (universidades, governos, etc.) e no mercado privado (é pouco arriscado supor que os pesquisadores na primeira esfera de atuação estão mais próximos dos docentes do ensino superior do que dos outros pesquisadores).

Foi no meio acadêmico que as ciências sociais conseguiram preservar área de atuação intacta, mantendo o domínio do mercado. A expansão do sistema de ensino superior durante os anos 70 conteve parte das perdas na competição com outras profissões. Isto gera a equivocada impressão de que a profissão é voltada para a reprodução do seu corpo docente. Mas é impossível ignorar as profundas mudanças na morfologia do sistema profissional na última década. (BONELLI, 1993, p.104).

Parece haver uma defasagem, sutilmente percebida pela autora, entre o que se espera da profissão, principalmente pelo setor encarregado da formação dos diplomados, e a dinâmica atual do mercado de trabalho. Perceber o segundo fator não implica na eliminação do primeiro. Trata-se de um problema posto ao efetivo de diplomados: no número apresentado por Durand, existiam 12 mil cientistas sociais em 1984 só no estado de São Paulo, ou seja, uma pequena parcela em relação as 1.988 fichas de filiados da ASESP analisadas por Bonelli em 1990, quando aquele número certamente era ainda maior.

Pelo fato de que a profissão tem uma forte relação com a universidade, nas entrevistas que realizei percebi entre os titulados uma relação mais conflituosa do que a idéia de competição intraprofissional poderia supor, cercada por tensões, culpas, preconceitos, estratificação e lacunas de reconhecimento profissional. Esse tipo de competição é caracterizado por Bonelli como “diferenças de visão e interesse”. Mas qual competição pode ocorrer em atividades em situação de quase isolamento? As atividades extra-universitárias das ciências sociais ainda lutam para adentrar no cenário da competição intraprofissional, devido à sua institucionalização limitada e ao desenvolvimento histórico da área no Brasil. Em outras palavras, são atores com limitados estoques de capital simbólico e de prestígio intraprofissional. O palco, e não apenas seu centro, parece limitado a um grupo profissional e à sua competição interna. A própria autora dá alguns sinais nessa direção quando afirma:

Na prática, o meio acadêmico não demonstra sentir-se ameaçado por outro segmento profissional das ciências sociais. Essas ameaças são percebidas partindo de outras profissões – da competição interprofissional – ou das competições internas ao próprio meio acadêmico. O meio acadêmico não compete com os demais segmentos das ciências sociais. Ele compete internamente e com as profissões fronteiriças. (BONELLI, 1993, p.226).

Se considerarmos a hierarquia interna da profissão, nos mesmos moldes em que se estuda estratificação social, ou seja, como uma organização social também dotada de diferenciações seguindo as dimensões estruturantes classe, status e poder

político, como o faz a tradição de estudos de estratificação e mobilidade a partir da clássica diferenciação de Weber, podemos conjecturar que esta competição e as reivindicações de reconhecimento se relacionam mais àquela segunda dimensão, elementos relativos à honra social ou ao prestígio, do que com poder econômico e político (WEBER, 1999).

A lógica da relação conflituosa entre cientistas sociais, pesquisadores de opinião e mercado e seus pares acadêmicos parece mais realisticamente retratada no curto mas incisivo texto de Durand (1984), escrito como comentário a um debate televisivo sobre o mercado de trabalho para sociólogos. Diz o autor que, depois da expansão universitária, os espaços de trabalho para sociólogos multiplicaram-se e estes estão em atividade em pelo menos cinco áreas: 1. pesquisa comercial; 2. magistério secundário; 3. magistério superior (e para muitos pesquisa acadêmica); 4. postos no aparelho do Estado; e 5. meios de comunicação e em outras agências do campo da cultura (DURAND, 1984). No entanto, diz o autor, “[...] esses domínios de atividade não têm equivalência em termos de legitimidade, de remuneração, de horizontes de carreira e de participação nas entidades da categoria.” (DURAND, 1984, p.76). Acontece que apenas um desses espaços é responsável pela formação, o que torna

[...] fácil passar-lhe uma definição de sociólogo que aponta para uma idéia de trabalho intelectual muito impregnada de maneirismos, das exigências e das recompensas das hierarquias universitárias e da cultura acadêmica [...] As demais frentes de trabalho não se representam no magistério das ciências sociais, mantendo-se em relação a elas atitude que vai da complacência à hostilidade, em nome do militantismo político e/ou do pensar teórico. (DURAND, 1984, p.76).

E da ligação histórica entre ciências sociais e um público das classes médias e superiores segue que se trata de “[...] um certo indiferentismo arrogante que aquele público disfarçadamente sustentou e sustenta quanto à encarar o diploma como meio de vida [...]” ou ainda um “[...] pacto de bom-tom que teve efeito de fazer silenciar duradouramente, em sala de aula, preocupações com salário e profissão [...]” (DURAND, 1984, p.77).

Se a profissionalização nunca esteve em primeiro plano, o paradoxo dessa situação se completa com a expansão do ensino universitário depois da década de 70<sup>9</sup>, a institucionalização dos programas de pós-graduação e a ampliação da oferta de bolsas de estudos culminando no aumento progressivo do efetivo de diplomados –

---

<sup>9</sup> A década de 90 apresentou uma outra expansão do ensino superior, só que privado, no qual a graduação em ciências sociais raramente está incluída, apesar de servir de mercado de trabalho para professores nas disciplinas “acessórias” a outros cursos.

inclusive das classes inferiores da hierarquia social ocupacional em trajetórias de mobilidade de longa distância (VIANNA et al., 1998) – e, no outro extremo, com a estagnada oferta de postos no magistério superior. A alta proporção de titulados sem ocupação não pode ser vista apenas como interna à lógica do sistema profissional – 15% pelos dados da ASEP em 1990, sem contar aqueles em ocupações não relacionadas com sua formação – mas também como resultado de um descompasso.

Marinho (1987) também já havia observado uma cisão profissional entre sociólogos acadêmicos e não-acadêmicos e um monopólio de status e prestígio da disciplina pelos seus representantes universitários: “[...] toda essa estrutura significa monopolização, profissionalização na qual os não-acadêmicos estão excluídos [...]” ou ainda “[...] ficam divorciados da comunidade que produz o conhecimento e têm seu prestígio como sociólogos prejudicado.” (MARINHO, 1987, p.230). No entanto, divirjo de Marinho a respeito do que ele chama de “equivoco da regulamentação” com base na fragilidade das bases cognitivas da Sociologia.

Retomando Durand, faz-se necessária uma “política de aglutinação” nas entidades dos sociólogos, de modo a garantir-lhes força enquanto categoria e preparação aos “[...] parceiros de diploma que trabalham em espaços onde o jogo de interesses se exprime em controle ideológico mais intenso [...]” (DURAND, 1984, p.77), como no mercado, nos sindicatos, na política e na administração pública. Seria preciso um movimento de “preservação de identidade” que abarque não só a formação, mas a profissionalização: “É completamente inútil querer discutir, em última instância, se o que fazem os bacharéis em ciências sociais nos vários domínios de trabalho é ou não sociologia.” (DURAND, 1984, p.77).

Na opinião de Durand, a área da pesquisa comercial é a que tem relacionamento mais extremado com a área acadêmica. A maior diferença identitária estaria assim entre o que chamo de mercado da pesquisa e os cientistas sociais acadêmicos. Não se trata apenas de um reconhecimento formal da prática sociológica. Nos Estados Unidos, por exemplo, a abertura da ASA (*American Sociological Association*) às atividades de sociologia aplicada, nas décadas de 70 e 80, chocou-se “[...] contra os anos de vantagem na história da construção da identidade acadêmica.” (BONELLI, 1993, p.83).

Ao contrário do que acontece no Brasil, no entanto, mediada por interesses expressos em organizações formalizadas, a sociologia aplicada norte-americana pode formular por esses canais unificados uma voz comum e uma resposta, construída também teoricamente, alcançando uma posição diferenciada na competição com sua contraparte acadêmica, como indica a adesão de um número crescente de filiados na ASA em atividade em setores não-acadêmicos. Para Weinstein (1999, p.19), ex-presidente da *Society for Applied Sociology*, o modelo acadêmico estaria com seus

dias contados, “[...] a idéia da sociologia aplicada como a vanguarda, ajudada pelos acadêmicos como nossa equipe de apoio, soa verdadeira hoje.” Apesar do exagero, não deixa de ser uma tomada de posição apresentada para a sociologia aplicada<sup>10</sup> nos Estados Unidos.

Assim, só o reconhecimento formal da prática sociológica não esgota a questão. Os casos dos EUA e da França mostram institucionalização com lacunas de integração ou identidade comum<sup>11</sup>.

Uma parte do conflito advém da posição “vacilante” do sociólogo fora da universidade. E remete a um debate sobre o tipo de sociologia que se consegue fazer fora da universidade, onde seu potencial de crítica e transformação é subordinado a outros interesses<sup>12</sup>. Em outras palavras: que sociologia se faz longe da comunidade científica? Estamos falando de sociologia extra-universitária ou de sociólogos extra-universitários, cientistas sociais sem ciência?

Sobram questões sobre como fundar uma identidade comum aos sociólogos em todos os setores em que atuam: considerando apenas a formação, não se sabe o que fazer com quem não desenvolve atividades relacionadas às ciências sociais; e se se leva em conta tanto a formação quanto a profissão, privilegiam-se seus postos tradicionais ou seu “mito dirigente”, como diria Weinstein.

Esse conflito identitário é central para entender as entrevistas expostas a seguir, pela intermediação de mentalidades e pré-disposições aliadas às posições sociais onde meus entrevistados se localizam (entre a ciência e o mercado – ou seja, entre o público e o privado; e nas fronteiras tênues do meio universitário). Além disso, temos que levar em conta outros processos sociais: em uma definição tal da profissão na qual o título é concedido à pessoa, mas não é independente da posição em que atua; em um desenvolvimento histórico, tanto da elite intelectual quanto das ciências sociais, que enfatizou um caráter crítico e sem contato com a “Cidade”; e na expansão dos diplomados e dos programas de fomento à pós-graduação, e o

---

<sup>10</sup> Na literatura norte-americana, é comum encontrar tanto os termos sociologia aplicada ou prática sociológica. Alguns consideram como sinônimos, mas outros realizam uma diferenciação entre essas áreas, na qual prática sociológica é um conceito mais amplo que engloba sociologia aplicada e sociologia clínica. Esses dois “pilares” da prática sociológica, complementares e compatíveis, representam, respectivamente, a pesquisa e a intervenção (KIRSHAK, 1998).

<sup>11</sup> Ambos apresentam avanço da sociologia para fora dos limites da universidade: no primeiro país, desde o início da sociologia enquanto reforma social, passando pelo esforço de guerra até a maciça participação nas agências federais no pós-guerra; e na França, com o desenvolvimento da pesquisa-participante, pesquisa-ação, intervenção sociológica, e da sociologia das empresas. Para o caso francês, ver Sainsaulieu (1995).

<sup>12</sup> Mas não somente com o mercado. Deloria (1980, p.265), por exemplo, expõe as relações até excessivamente amistosas entre cientistas sociais e agências governamentais e setores do legislativo norte-americanos, transformando a pesquisa em “[...] rearranjo políticos de fatos, números e slogans para justificar a manutenção de financiamentos, administrações e interesses em questões superficiais.”

processo de mobilidade interna que representa, visto em relação à ocupação, mas indefinido em relação à renda.

## **Pesquisadores-cientistas sociais em opinião e mercado (entrevistas e e-mails)**

A segunda etapa da pesquisa empírica é então uma pesquisa qualitativa com pesquisadores-cientistas sociais. Realizei oito entrevistas pessoais em profundidade com profissionais da área e empreendi uma série de entrevistas por e-mail também com profissionais da formação.

A análise do material das entrevistas seguiu uma lógica de construção teórica tentando extrair das respostas colhidas aquilo que me permitia definir uma trajetória comum e, se não típica, heurística e significativa para o conjunto dos entrevistados, embora não esgote todas as possibilidades reais, estando aberta a outras experiências de vida. Nesse sentido, a intenção não é a de buscar somente a regularidade nas trajetórias e nos discursos, mas também as variações. Os extratos que aparecem ao longo do texto foram selecionados para ilustrar uma posição geral captada durante as entrevistas. Cada entrevista revela alguns elementos dos processos de interação social realizados pelos entrevistados ao longo de suas vidas e o sentido que conferem a esses processos, eventos, instituições e grupos sociais. Seus discursos retratam seu lugar social: um grupo, tratado artificialmente como homogêneo, mas suas opiniões divergentes escancaram diferentes posições sociais, disposto no meio caminho entre a ciência e o mercado, sofrendo – metaforicamente – forças de atração e repulsão frente à universidade, isolados pela trajetória profissional do que se convencionou considerar como ciência social.

Neste texto, por motivos de espaço, lidarei resumidamente com dois grupos de temáticas que dizem respeito mais especificamente à relação em questão:

a) cientistas sociais no mercado da pesquisa e o conhecimento científico: formação teórica e metodológica, transição para vida profissional, aplicabilidade desse conhecimento na vida profissional do mercado de pesquisa, cientificidade das atividades realizadas.

b) cientistas sociais no mercado da pesquisa e seus pares acadêmicos: conflito de identidades profissionais, percepção sobre o meio acadêmico, modelo e desvio, ética e atuação profissional, remuneração.

A mesma estrutura temática foi mantida nas entrevistas por e-mail: três blocos de perguntas em três mensagens diferentes, enviadas depois do recebimento das respostas ao bloco anterior. Mesmo optando por um modelo de entrevista

com mensagens espaçadas semanalmente, para evitar a saturação, poucos tiveram interesse, tempo ou disponibilidade em participar de todas as etapas dessas entrevistas. 14 entrevistados não passaram das etapas iniciais (ou não responderam a primeira mensagem de contato ou não responderam o primeiro bloco de perguntas). Pude contar somente com duas entrevistas completas e outras quatro incompletas. Como os retornos foram baixos, usarei as respostas de forma complementar às outras entrevistas, quando for apropriado e explicitando sua natureza.

## a. Cientistas sociais no mercado da pesquisa e o conhecimento científico

### a.1. Formação

Freqüentar o curso superior de ciências sociais foi um verdadeiro marco na vida dos entrevistados. Não apenas pela característica de “rito de passagem” que possui o vestibular e o ingresso na universidade, mas pelo conteúdo do curso. A avaliação geral foi que os cursos eram muito bons, ajudaram a transformar a vida dessas pessoas, a “abrir os olhos”, “ver o mundo com outros olhos”. Alguns, formados na década de 70 (foram cinco entrevistados), destacaram a influência do período em suas formações, onde vários professores foram perseguidos e cassados pela ditadura militar<sup>13</sup>.

O impacto desse contexto político nas ciências sociais foi desolador e, no entanto, o pensamento crítico não declinou, pelo contrário, parece ter se fortalecido ainda mais para os professores e estudantes.

Este foi um período de inflexão na disciplina. Daí uma das razões para a falta de preocupação acadêmica com a profissionalização, que não pode ser vista apenas como resultado da origem social dos estudantes e professores. Um dos pólos do continuum entre teoria e prática não conseguia conquistar o interesse dos estudantes e, por isso, as disciplinas vinculadas à estatística ou à pesquisa de campo, por exemplo, eram preteridas pelos estudantes.

Nesse sentido, os cursos básicos de Metodologia de Pesquisa também não foram marcantes por razões variadas: ou “não dávamos valor naquele tempo”, ou “não sei se era ruim ou se a gente era muito crítico também”, ou pela limitada intersecção com a prática. Esta habilidade de pensar questões e problemas de trabalho por meio de uma seqüência de passos considerada válida – que, em alguma medida,

---

<sup>13</sup> Apesar do fato de que quatro dos meus oito entrevistados cientistas sociais se formaram na USP, essa questão também foi levantada por um dos formados na Escola de Sociologia e Política (dois no total). Os outros dois entrevistados: um pela Unicamp, outro pela PUC-Campinas.

o mercado absorveu da ciência, composta por teorias, instrumentos, testes, obtenção e validação dos dados e análise dos resultados – é suprida dentro do próprio mercado da pesquisa: “Metodologia não. Metodologia, você entra em pesquisa de mercado, é outra coisa, totalmente diferente, né? A gente usa outros conceitos. É bem diferente” (USP, 92, analista).

A prática fica, portanto, isolada da formação, seja por buscarem um contraponto à exclusividade teórica de suas formações em ciências sociais ou pelo isolamento que decorre em relação ao mundo acadêmico. Outras informações complementam isso: quando solicitados a indicar livros acadêmicos que utilizavam na prática da pesquisa, mesmo apenas para consulta ou referência, estes eram principalmente de áreas de estatística ou específicos para pesquisa de marketing ou de mercado; e poucos continuam acompanhando a disciplina, seja por congressos, periódicos ou fazendo pós-graduação (duas entrevistadas abandonaram o mestrado).

## a.2. Transição

Entre os entrevistados, a transição do fim da graduação para a vida profissional se processou de formas variadas: um fez concurso público e depois pediu demissão, outra deu aulas em cursinhos, um trabalhou em banco, outra tentou trabalhar no comércio. No entanto, mais da metade dos 8 cientistas sociais entrevistados já haviam iniciado um contato com o mercado de pesquisa durante a formação universitária, através de suas redes pessoais de amizade, em estágios ou em trabalhos ocasionais (*free-lancer*) nas funções frequentemente oferecidas aos recém-iniciados, entrevistador/aplicador e digitador/tabulador.

Esse contato dos estudantes de ciências sociais com o mercado da pesquisa tem duas características: é uma estratégia de independência financeira e é largamente utilizada. Mas é na transição para a vida profissional que se confirma seu potencial de estratégia de independência financeira e, mais ainda, de sobrevivência<sup>14</sup>: “[...] só com o estágio você não ganhava dinheiro. Eu precisava, eu era pobre, sempre fui pobre, então eu precisava de dinheiro” (ESP, 75, diretora).

Certamente não é a única estratégia. Muitos estudantes de ciências sociais se graduam concomitantemente em outra disciplina – direito ou jornalismo são comuns – e esse “duplo diploma” por ser encarado como estratégia de independência e sobrevivência (abrem a possibilidade para mais estágios, mais postos de trabalho) no

---

<sup>14</sup> Evidentemente, dados específicos sobre a origem social dos estudantes de graduação e dos formados que se utilizaram do contato com pesquisa de opinião e mercado ou que trabalham nessa atividade seriam requeridos para confirmar essa idéia. No percurso desse trabalho, no entanto, questões de renda foram excluídas pela possibilidade que teriam em atrapalhar os contatos com as empresas e com os entrevistados.

contexto mais arriscado da profissão em relação às mais convencionais, aprofundado pela limitada discussão sobre a profissionalização dos cientistas sociais. A inserção profissional dos cientistas sociais se mostrou, pelo menos, problemática.

Vários entrevistados me disseram que ficaram perdidos depois da graduação. As entidades profissionais representativas da categoria “cientista social” são completamente ignoradas – nenhum dos meus entrevistados me afirmou ser filiado a um sindicato ou associação específico para profissão.

Essa situação de indefinição profissional presente no discurso dos meus entrevistados (a maioria com mais de 40 anos), parece se configurar hoje de forma tão contundente quanto na década de 70 como uma questão para os formados recentemente. Alguns me disseram que não vêem mudança significativa na formação e na profissionalização desde a década de 70 – na medida em que estão distantes da universidade, esse contato é realizado principalmente com a contratação de estagiários e de pessoal. Cabe então, em muitos casos, ao mercado formar ou reformar esses profissionais visando às atividades para os quais foram contratados. O mesmo acontece com o mercado da pesquisa:

É aquilo que eu te falei: o curso abriu a cabeça, mas com qualidade. No sentido prático, só na prática, na busca, no fazer, na leitura, na parte do autodidatismo específico praquele tipo de coisa. E aquele famoso “aprender vendo os outros fazerem”. (USP, 72, diretor).

Se, por exemplo, a formação fosse forte em metodologia de pesquisa e crítica metodológica, as exigências do mercado implicitamente diriam que essas coisas não se aplicam aos negócios. Mas não é esse o caso, como foi visto anteriormente. No contexto do isolamento pelo qual passa o cientista social extra-acadêmico, a questão de se devemos ou não nos basear nas demandas do mercado de trabalho na formação fica mais atual. De certa forma, é o que acontece, retirando as exceções do meio universitário.

### **a.3. Aplicabilidade**

Corroborando algumas indicações apresentadas acima, a aplicação do conhecimento obtido durante a formação na vida profissional dos entrevistados é limitada. Apesar do valor dado às ciências sociais, existe uma lacuna prática na formação que é vista como essencialmente teórica – “na prática, o sociólogo é muito teórico”, como me afirmou um entrevistado. Alguns reclamaram dessa limitação, outros acham que a tarefa da disciplina é “aprender a refletir”, conforme se pode perceber no extrato abaixo: “[...] depois do curso eu acho que é que nem aprender

a ler [...] Você aprende a ver as coisas de um outro modo, não tem como voltar.” (Unicamp, 2001, analista).

Assim, o que se aprende durante a formação tem uma aplicabilidade restrita, porém fornece o alicerce analítico e crítico para o graduado. Quando perguntava se o conhecimento que o entrevistado aprendeu nas ciências sociais é utilizado na prática da pesquisa, muito freqüentemente obtive respostas parecidas com a seguinte: “O que eu levo da formação universitária é a base, a maneira de pensar. Nada do que eu aprendi lá, em nenhum dia se falou a respeito disso.” (USP, 72, diretor).

Teoria e prática se configuraram como elementos de uma tensão conceitual presente no discurso dos entrevistados, tanto em relação à formação quanto à aplicabilidade, e assim se tornaram centrais para entender suas trajetórias e discursos. A regra pode ser exemplificada por este extrato: “Então, não adianta eu chegar e falar: ‘Não, olha, tem que pegar, sei lá, Weber, fazer uma análise, pegar, sei lá, Durkheim’ ... Não adianta.” (USP, 92, analista). Ou seja, não é o tipo de aprofundamento que o mercado quer, e por isso não se faz.

Os cientistas sociais-pesquisadores são treinados a não pensar questões de trabalho de uma forma teórica, não apenas indutiva, utilizando o conjunto das ciências sociais. Por outro lado, é um refinamento no conhecimento próprio dos cientistas sociais, e a exceção mostra esse potencial (mas certamente não está aberto para todos). Uma de minhas entrevistadas, diretora de empresa de pesquisa, conseguiu dar uma guinada no tipo de análise que realiza, utilizando-se de levantamentos bibliográficos e de teoria social.

#### a.4. Cientificidade

Fechando o primeiro grupo temático de perguntas, inquiri a meus entrevistados se eles consideravam a atividade que realizam como científica, em qualquer grau. Poucos, como a última entrevistada que fiz referência, no entanto, forneceram elementos de teoria social ou mesmo de ciência social como parte também da cientificidade. No geral, isso é um resultado da parte estatística da pesquisa.

Eu acho que a gente usa um instrumental científico de vários ramos: da psicologia, da sociologia, da estatística. E eu acho que, em princípio, não é científico no sentido em que nós não fazemos tratados para entender o mundo e dar as normas de funcionamento mas a base é científica. Eu uso o que eu aprendi lá, que estão nos livros. Quando eu vou dimensionar uma amostra, eu uso toda a técnica estatística, tudo certinha, assim, eu faço testes para ver a margem de erro, a amostra eu determino de acordo com o que tem de ser. Então, eu acho que todo o embasamento é científico. (USP, 75, gerente de projetos).

Nos extremos, houve quem afirmasse que é completamente científica como houve quem respondesse negativamente. Para a maioria, o que a distingue da área acadêmica são aspectos como finalidade da pesquisa, a quantidade de material para embasá-las, o trabalho intenso dos dados ou o tipo de objeto.

As opiniões divergentes mostram que não se trata de questão resolvida, mas também que, por outro lado, não existe um discurso compartilhado para o grupo de pessoas na mesma situação. Não se trata, pois, de grupo homogêneo, devido às forças contraditórias de ligação/isolamento com a universidade. Não fica claro, nas palavras de muitos entrevistados, qual o papel e o limite de um cientista social em uma área não-científica. Uma entrevista por e-mail expõe outro olhar sobre o caráter da atividade:

Difícil responder. Talvez eu precisasse que você me definisse o sentido atribuído ao “científico”. Mas algumas coisas poderiam ser antecipadas. Salvo algumas pouquíssimas exceções chega a ser ridículo se considerar o que é feito nas demais universidades como sendo algo “científico”. A pobreza das pesquisas realizadas tanto em teses de mestrado ou de doutorado é absurda. Acho que em grande número de empresas de pesquisa sérias temos ótimos exemplos de pesquisa extra-acadêmica que poderia tranquilamente ser considerada científica. Ocorre que na maioria dos casos de pesquisa demandados por empresas o “científico” pode vir a ser muito caro, enquanto que o “técnico” atende perfeitamente às expectativas, no que diz respeito a custo, prazo de realização e margem de erro. (UnB, diretor, por e-mail).

Se por um lado é dentro do perímetro da ciência que se pretende realizar a circunscrição legítima da atividade<sup>15</sup>, na confluência utilitária de várias áreas de conhecimento (só assim poderia uma empresa de pesquisa expulsar do espaço profissional os que intentam ultrapassar suas fronteiras), por outro lado, a ciência fica em suspenso pelo isolamento que ocorre frente à ciência social acadêmica e pela inserção em um mercado em que o conhecimento é retido privadamente. A ciência e a técnica de pesquisa social atraem. O mercado, a limitada profissionalização e o contexto político das ciências sociais no Brasil repelem. No meio do caminho, sem uma unidade identitária que fornece as bases de um discurso comum, ficam os cientistas sociais do mercado da pesquisa.

---

<sup>15</sup> Basta ver um livro específico de pesquisa de mercado, por exemplo, o de Tagliacarne, citado como referência para um entrevistado, onde ele diz que “[...] o estudo de mercado, enquanto assume importância prática, desenvolve-se segundo as linhas e o espírito de uma pesquisa científica, evitando o perigo de métodos e conclusões adotados ao acaso, com critérios empíricos.” (Tagliacarne, 1978, p.36).

## b. Cientistas sociais no mercado da pesquisa e seus pares acadêmicos

### b.1. Conflito de identidades profissionais

Foi visto que, devido à limitada absorção do mercado de trabalho universitário, os cientistas sociais lançam mão de estratégias de sobrevivência e independência financeira que ultrapassam os limites da academia. Nesses setores, e o mercado de pesquisa é apenas um deles, as necessidades da prática se sobrepõem à exclusividade teórica de suas formações, exigindo habilidades técnicas que, apesar de sua íntima vinculação com a pesquisa acadêmica sociológica, não foram uma parte fundamental de suas formações. Entre o mercado e a ciência, diferenciam-se dos seus pares acadêmicos, objetivamente e, como consequência, por meio de seu discurso, de formas variadas. O atributo “possuidor de diploma em ciências sociais” não é suficiente para a constituição de um grupo homogêneo e por isso se distinguem, e são distinguidos, dos que fazem parte da mais tradicional forma de profissionalização dos diplomados.

Assim, existe uma cisão entre os que estão dentro e os que estão fora da universidade, esta última marcada por uma visão “crítica em relação ao mundo exterior, à atitude, à pesquisa, ao mercado de uma maneira geral”, uma atitude marcada por achar “que a gente sabe tudo [quando está na universidade] e tudo que os outros fazem é ruim. Eu acho que isso é que faz com que a gente também se sinta vigiada por eles”. Uma passagem da vida desta mesma entrevistada ilustra essa indicação:

Eu me lembro que eu fui em um congresso de sociologia, no início da década de oitenta. E foi uma tragédia. Porque de um lado, os caras acadêmicos, e de outro, o pessoal de pesquisa de mercado chorando, pedindo perdão por ter ido para a pesquisa e eu fiquei de saco cheio, falei: “Gente, o que é isso? Nós ganhamos a vida assim. Não tenho vergonha nenhuma do que faço. Acho que as coisas que eu aprendi lá me ajudam aqui. Não acho que eu esteja vendendo o mundo, seja para mim, a minha ideologia, vendendo minha alma para o diabo porque estou trabalhando. Estou trabalhando, estou ganhando a minha vida e não estou ajudando a vender, a expurgar, a tirar o sangue e vendendo o Brasil para o imperialismo internacional [...]” Foi a última vez que eu estive na universidade. (USP, 75, gerente de projetos).

Esse conjunto de sentimento de culpa e sensação de vigilância nos profissionais na pesquisa de opinião e mercado, como me disse uma entrevistada, poderia ser elencado como um dos fatores responsáveis pelo afastamento do cientista social do mercado de pesquisa de uma relação mais próxima na academia, pelo menos

na ciência social. Em questão está a relação com a sociedade de consumo, para a pesquisa de mercado, e com o esvaziamento da política, para a pesquisa feita como suporte ao marketing político.

Os discursos variam em uma amplitude que vai desde a experiência de ser alvo de preconceitos – como foi visto acima e como me disse um entrevistado: “Tinha um preconceito: as pessoas queriam mudar o mundo, eu só quero mudar o rótulo de sabonete” (USP, 72, diretor) – até uma percepção mais difusa “[...] mas eu acho que quem faz pesquisa acadêmica, eu acho que vê um pouco quem faz pesquisa de mercado com uma certa rejeição, achando que aquilo vai servir para fazer o mal [...]” (Unicamp, 2001, analista). Uma outra passagem ilustra bem isso:

Tanto que eu lembro, depois da época da faculdade, quando eu terminei, eu encontrei até com alguns professores meus. Tem um professor, que é super conhecido, ele me perguntou: “E aí, o que que você está fazendo?” Aí falei que estava trabalhando com pesquisa de mercado. Ele falou: “Ah, você se rendeu, né? Pelo menos está ganhando dinheiro”. Então existe um preconceito, que às vezes acha que você está traindo, como “ah, você esqueceu tudo o que você aprendeu”. (USP, 92, analista).

Este último extrato é significativo porque sintetiza alguns pontos fundamentais discutidos por esta temática: em um encontro/interação com acadêmico, a percepção de uma diferença de tratamento pela trajetória profissional alternativa, a menção do dinheiro como desvalorizador da atividade e uma conseqüente conflito ético (traição) enfrentado pelo pesquisador-cientista social.

No entanto, essa cisão na identidade profissional do cientista social, que acompanha os limites da universidade, não significa impossibilidade de comunicação ou atuação dos profissionais em ambos os setores. Como afirmei anteriormente, as fronteiras não são rigidamente dispostas. Um entrevistado nessa situação me forneceu o seguinte depoimento:

Na minha opinião, está cedendo a tradicional resistência à prática extra-universitária de pesquisa como a pesquisa fundamentalmente empírica. Também a visão nas grandes universidades é muito mais permeável ao engajamento de docentes/pesquisadores em atividades de consultoria e assessoramento fora da universidade, nessas áreas. Tudo isso, principalmente, como resultado das ondas de aposentadoria e incerteza financeira entre o público docente. Por outro lado, nos departamentos de ciências sociais e psicologia, pelo menos, existe ainda muita hipocrisia pessoal e (ainda) algum questionamento ideológico, entre os docentes, com relação a quem exerce essa prática. (diretor, por-email).

## b.2. Meio acadêmico

Uma das conseqüências deste conflito de identidades profissionais é acentuar o isolamento em relação ao meio acadêmico, em parte conseqüência das diferentes dinâmicas das atividades. Além disso, os cientistas sociais no mercado privado de pesquisa consideram a academia distante da realidade, e como que para ressaltar o contraponto prático que os caracteriza enquanto ofício, permanecem distantes do distante meio universitário. Já havia mencionado anteriormente a lacuna entre a formação e a prática. Agora, ilustro com o extrato abaixo o que meus entrevistados disseram com freqüência a respeito do mundo acadêmico:

A impressão que dá é que o pessoal que está no mundo acadêmico tem aquela postura do intelectual, quer dizer, ele está acima do bem e do mal, está ali em cima do pedestal, só vendo como que a sociedade, como as coisas... mas não interage... [...] o que eu sentia era isso, é esse distanciamento. Eles se preparam, lêem aquele monte de livros, teses, fazem um monte de coisas, mas na hora de interagir com a sociedade, com os problemas mesmo, é sempre aquela visão acadêmica, é sempre a teoria, nada de prática. (USP, 92, analista).

As características atribuídas ao meio universitário foram, em grande maioria, depreciativas: “distante da realidade”, “fechado em torno de si mesmo”, “voltado para o próprio umbigo”, etc. Houve apenas uma exceção de valorização do mundo acadêmico que sublinhava sua independência e capacidade crítica.

## b.3. Modelo e desvio

É dentro desse contexto que podemos compreender a recorrência de referências a características pessoais eminentemente práticas nos discursos de alguns de meus entrevistados. Utilizando a sociologia do desvio como base, elaboram, de modo individual, “racionalias autojustificadoras” (BECKER, 1976) de sua posição diversa da que constitui a regra<sup>16</sup>, no caso em questão, a expectativa de inserção profissional dos cientistas sociais é o meio acadêmico ou, pelo menos, ante a força crítica das suas formações acadêmicas, deve-se manter distância de uma relação com o capitalismo e o poder. Assim, uma estratégia natural nessa situação é neutralizar o poder da regra tornando seus “juízes” como os verdadeiros desviantes, como vimos acima, em que

---

<sup>16</sup> Refiro-me aqui a regras informais de grupos sociais. Nem todas as regras sociais são codificadas em forma de lei. E a definição de desvio não implica em nenhum atributo de personalidade ou ato criminoso, mas em não-conformidade com uma regra social e depende muito de como as pessoas que seguem as regras reagem ao comportamento ou à posição desviante.

os acadêmicos são posicionados em um mundo à parte. Foi visto também que teoria e prática formavam uma tensão presente na primeira temática, reforçada agora pela característica central constitutiva do desvio:

Eu tenho uma orientação muito pragmática nas coisas. É uma característica minha, eu não gosto de ficar pesquisando uma coisa que um dia talvez vou ver se eu gosto. Eu vou buscar a informação, por exemplo, o conhecimento pra aplicar ali, pontualmente num projeto. Eu quero resolver uma questão nesse projeto que eu estou fazendo agora [...] Agora pra uma coisa especulativa não tem a ver com a minha natureza. (USP, 75, diretora).

Existem duas diferenças frente à análise de Becker, por exemplo, sobre os músicos de baile (*dance musician*): em primeiro lugar, Becker trata de atos ou comportamentos desviantes; e, em segundo lugar, os músicos são analisados como um grupo desviante em relação à sociedade e não frente ao conjunto dos músicos (BECKER, 1963). Já o caso aqui é de um subgrupo com posição desviante.

Mesmo assim, poderíamos pensar por meio desta analogia, com os cientistas sociais no mercado da pesquisa se localizando no extremo desvalorizado do conjunto de cientistas sociais – coincidentemente também por razões de dependência frente a demandas exteriores: os músicos bem posicionados em uma escala de prestígio não cedem seu talento ao controle comercial das exigências dos leigos. Em todo caso, o que importa aqui é ressaltar que essa presença de racionalidades justificadoras individuais, em menor proporção do que se existisse uma racionalidade de grupo, centradas na prática e na utilidade, faz supor que os cientistas sociais em atividade mercado de pesquisa se constituem tipicamente, ou seja, não exclusivamente, como desviantes em relação aos seus pares acadêmicos.

Evidentemente, os cientistas sociais no mercado de pesquisa podem ser vistos como em uma posição desviante nos termos da relação com o conjunto de cientistas sociais, mas não em todos os aspectos. Provavelmente as posições se inverteriam, por exemplo, se focalizássemos o mercado da pesquisa e sua confluência de interesses com a competição política e por mercado, ou seja, com o poder institucionalizado econômica e politicamente, seguindo as principais dimensões da estratificação social. A perspectiva crítica, como a realizada por alguns setores acadêmicos, é a que se constituiria uma posição e um comportamento não-convencional.

#### b.4. Ética e atuação profissional

Quando existe uma convivência com o mercado ou com estratégias de definição política centradas em marketing, pode-se perceber, em alguns casos, e de modo mais característico no período do ingresso na atividade, um certo conflito ético do cientista

social-pesquisador extra-acadêmico, acentuado por uma forte tradição marxista nas ciências sociais brasileiras, bem ilustrado pelo extrato a seguir:

No começo a gente fica mesmo, a gente fica assim: “Meu Deus do céu, que que eu estou fazendo aqui? Eu aprendi tudo ao contrário e agora estou ajudando os caras sacanearem”, justamente porque você começou a participar de todo o processo [...] Você vê que os caras usam todo e qualquer método, que seja pra vender. É o lucro, ele quer ver o lucro. E aí você fala: “Meu Deus do céu, o que que eu faço com Marx? Meu Deus, que que eu faço com o que eu aprendi?” Você começa a fica assim, super mal. (USP, 92, analista).

No entanto, esse conflito ético é e precisa ser resolvido. Talvez ocorra no momento em que começam a se sentir pesquisadores de mercado: quase todos, inclusive formados nos cinco anos anteriores, disseram se identificar mais como pesquisadores de mercado do que como cientistas sociais. As formas de superação são variadas: uns indicam a utilidade do setor, outros mencionaram o desenvolvimento de um código de ética ou princípios balizadores, que não aceitam as coisas de modo impassível, outros indicaram as necessidades da sobrevivência e, transversalmente, invocaram questões mais amplas como uma percepção da inevitabilidade da sociedade capitalista, da centralidade do consumo nas relações sociais contemporâneas, que indicariam um lugar privilegiado para a pesquisa de mercado, a derrubada do muro de Berlim e a decadência das ideologias. Disse-me uma entrevistada: “[...] Desde que nós vivemos nessa sociedade onde a mercadoria domina nossa vida e que o consumo permeia todas as nossas relações, se você conseguir melhorar essas relações de consumo, você está melhorando a vida das pessoas.” (USP, 75, gerente de projetos).

## **b.5. Remuneração**

A questão da remuneração se mostrou de particular importância. Vimos o papel da atividade como estratégia de independência financeira e de sobrevivência para os graduandos e formados, o interesse do meio acadêmico na atividade devido às “incertezas financeiras” e à onda de aposentadorias do público docente e a referência do dinheiro como diferencial desvalorizador da atividade, como na citação:

As pessoas se referem assim: “Ah, você faz pesquisa de mercado, você está ganhando dinheiro, né?” É uma coisa assim: “Pô, é ótimo, você foi fazer uma coisa prática, você foi pôr a mão na massa, mas que maravilha, você sabe mexer com aquelas coisas que eu acho fantásticas, propaganda, a marca, você sabe das coisas de como é que o mundo funciona. E ainda por cima você ganha dinheiro”.

Quer dizer, tem todo um lado assim que te bota lá em cima mas que no fundo, no fundo, tem uma coisa assim: “Você se vendeu, bicho. Você está fazendo uma coisa que é meio espúria.” (USP, 75, diretora).

Mas os discursos dos entrevistados mostram que uma situação financeira relativamente vantajosa convive com as debilidades inerentes a esse mercado. Excetuando as grandes empresas de pesquisa, nacionais e multinacionais, que são apenas a superfície deste mercado (aproximadamente uma dezena de empresas), as demais, de porte médio e pequeno, têm que enfrentar ocasionalmente a falta de continuidade, a desmobilização de profissionais, a contratação de *free-lancers*, a constituição irregular e temporária de equipes para pesquisas *ad hoc* (isto é, contratadas pontualmente, pautadas nas necessidades dos clientes) e a disputa com a concorrência por clientes.

Em algumas entrevistas percebi que a dinâmica do mercado fazia com que, de um lado, a remuneração se mostrava compatível com as expectativas dos diplomados – “E aí o seguinte, eu comecei a trabalhar, comecei a ganhar dinheiro na área de mercado e era muito bem pago nesse período, e aí tchau e benção” (USP, 75, diretora) – e de outro, a irregularidade impunha constantes mudanças de emprego e períodos de insegurança financeira.

## Conclusão

A análise das entrevistas realizadas com cientistas sociais no mercado da pesquisa permitiu um olhar sobre a trajetória desses profissionais, de modo algum contraditória com a de muitos outros cientistas sociais em outras áreas extra-universitárias, que precisam também de investigação<sup>17</sup>. Suas formações generalistas se deparam com as exigências específicas de uma atividade voltada para finalidades particulares. Cabe pouco ao conhecimento aprendido na universidade. A fragilidade das ciências sociais enquanto profissão reside, além das disputas legais e por terreno com outras profissões, também na pouca relevância prática que conseguem lançar mão em suas ocupações, mesmo que estejam vinculadas histórica e teoricamente com a disciplina, o que não implica considerar suas bases cognitivas como frágeis.

---

<sup>17</sup> Depois que o texto estava concluído, tomei conhecimento de um texto de Adélia Miglievich Ribeiro (1999), “O sociólogo nos anos 90: uma profissão em redefinição?”, apresentado no Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia de 1999, que detalha parte da pesquisa que desenvolveu também com cientistas sociais fora no âmbito universitário, porém atuantes em instituições com fins públicos (FASE, IBASE, IBAM e SENAC) no Rio de Janeiro (disponível no *site* do Sindicato dos Sociólogos do Estado de São Paulo). Muitas de suas conclusões convergem com as que apresento.

Estratégia de independência e de sobrevivência, a ocupação em áreas extra-universitárias impõe uma outra dinâmica à profissionalização, onde novos conhecimentos são requeridos, novas habilidades desenvolvidas, como em qualquer atividade profissional real, distante pelos princípios modernos, das habilidades universitárias. Desenvolve-se uma relação ambivalente com a disciplina. De um lado, a valorização da formação e a utilização mesmo que parcial de seus elementos técnicos, e de outro, distinguem-se e são distinguidos como resultado de um conflito de identidades profissionais que posiciona o sucesso profissional convencional fora da universidade como desvio, pela sua tendência de imiscuir-se com o poder institucionalizado.

Como consequência, é o mercado que nivela a profissão, com a resposta das expectativas profissionais interrompidas na academia, em um caminho onde cada vez mais são os atributos valorizados pelo mercado – a resposta rápida, a informação sem pensamento, o foco no cliente – que ditam a configuração do setor e das habilidades exigidas.

É possível pensar – e os limites da pesquisa impõem que, a princípio, apenas posso falar aqui a partir de um determinado período, os anos 70, nas principais instituições formadoras de cientistas sociais, principalmente em São Paulo, mas com reflexo nos dias atuais – nos termos de segmentação profissional caracterizada como uma relação de “desvio profissional”, onde a regra é, na prática, exceção. Esse “desvio”, no entanto, serve de estratégia de transição para o mundo do trabalho frente aos obstáculos de desenvolvimento das expectativas profissionais. E assim, nesse contexto que desconhece as habilidades dos cientistas sociais enquanto profissionais – talvez nem os próprios saibam muito bem – limitam-se à categoria de cientistas sociais não-cientistas, mas que precisam fazer ciência e, portanto, em grande parte dos casos, apropriam-se mais da estatística que das ciências sociais.

Tentei mostrar também que essa posição engendra conflitos éticos, na esfera privada, principalmente no início da vida profissional – de um lado, “sentimento de culpa”, de outro, “sensação de vigilância” – e como as referências depreciativas à remuneração representam um discurso desvalorizador da atividade, segundo alguns dos meus entrevistados.

Esse conflito ou ruptura na identidade profissional anda na contramão do que se supõe necessário para estabelecer uma identidade comum e fortalecer a condição e a profissão de cientista social. Vendo por esse ângulo, a questão da definição da profissão e da formação de tal modo que consiga abrigar e estimular competências operatórias e técnicas sem perder em pensamento crítico e em reflexão teórica, isto é, sem formar apenas visando a demanda do mercado de trabalho, ganha importância e atualidade.

**EXTRA-ACADEMIC SOCIAL SCIENTISTS: PROFESSIONAL IDENTITY  
IN THE RESEARCH MARKET**

**ABSTRACT:** *The article presents part of an empiric research about the market of opinions surveys in Brazil and highlights some elements about these not-so-studied social authors, although significant, both in the social scientists professionalism and in relation to the political system and democracy. To start, a survey was conducted with the research institutes with the objective of tracing some of their general characteristics, focusing in the professional structure of these companies. This survey was the first step to a following procedure of interviews with social scientists who work in this activity, composing an investigation about the professional identity and about the extra-academic sociology.*

**KEYWORDS:** *Research Institutes. Extra-academic sociology. Professional identity.*

## REFERÊNCIAS

BABBIE, E. **Métodos de Pesquisas de Survey**. Tradução de Guilherme Cezarino. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

BECKER, H. S. **Uma Teoria da Ação Coletiva**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

\_\_\_\_\_. **Outsiders: Studies in the Sociology of Deviance**. New York: The Free Press of Glencoe, 1963.

BRAGA, E. C. F. **Ciências Sociais e o Mercado da Pesquisa**: questões de Sociologia dos Cientistas Sociais. 2004. 172f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

BONELLI, M. da G. **Identidade Profissional e Mercado de Trabalho dos Cientistas Sociais**: as ciências sociais no sistema das profissões. 1993. 298f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

DELORIA, V. Jr. Our New Research Society: some Warnings to Social Scientists. **Social Problems**, Brooklyn, v.27, n.3, p.267-271, 1980.

DURAND, J. C. A Mal-Assumida Profissão de Sociólogo. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.24, n.3, p. 76-78, 1984.

GELFAND, D. E. The Challenge of Applied Sociology. **The American Sociologist**, New York, v.10, n.1, p. 13-18, 1975.

KIRSHAK, R. Sociological Practice: Its Meaning and Value. **International Journal of Sociology and Social Policy**, Hull, v.18, n.1, p.1-6, 1998.

MAINES, D. R.; PALENSKI, J. Reconstructive legitimacy in final reports of contract research. **Sociological Review**, Aliso Viejo, v.34, n.3, p.573-589, 1986.

MARINHO, M. J. M. C. A profissionalização da sociologia no Brasil. **Dados**, Rio de Janeiro, v.30, n.2, p.223-233, 1987.

RIBEIRO, A. M. **O sociólogo nos anos 90**: uma profissão em redefinição? Versão revista e atualizada do texto com o mesmo título apresentado no XI Congresso Nacional de Sociólogos da FNS-Brasil, Salvador, 1999. Disponível em: <<http://www.sociologos.org.br/textos/sociol/mercado.htm>>. Acesso em: 20 jul. 2008.

SAINSAULIEU, R. Le Métier de Sociologue en Pratiques. In: LEGRAND, M; GUILLAUME, G. F.; VRANCKEN, D. (Org.). **La Sociologie et ses Métiers**. Paris: Harmattan, 1995. p.13-34.

STREET, D. P.; WEINSTEIN, E. A. Problems and Prospects of Applied Sociology. **The American Sociologist**, New York, v.10, n.2, p.65-72, 1975.

TAGLIACARNE, G. **Pesquisa de mercado**: técnica e prática. Tradução de Maria de Lourdes Rosa da Silva. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1978.

TUCHFELD, B. S. Putting Sociology to Work: An Insider's View. **The American Sociologist**, New York, v.11, n.4, p.188-192, 1976.

VIANNA, L. W.; CARVALHO, M. A. R. de; MELO, M. P. C.; BURGOS, M. B. Doutores e Teses em Ciências Sociais. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 1, n.3, p.453-516, 1998.

WEBER, M. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Ed. da UnB, 1999.

WEINSTEIN, J. **(Another) Comment on the Differences between Applied and Academic Sociology**. Texto apresentado no 93º Annual Meeting of the American Sociological Association, Chicago, 1999.

Recebido em setembro de 2008

Aprovado em dezembro de 2008